

Hábitos e conhecimentos relativos à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e gravidez de estudantes da área da saúde de uma universidade pública

Habits and acknowledgement related to the prevention of sexually transmissible infection and pregnancy of college students of health area of a public university

Vasconcelos, P.M.S.; Sebastião, E.O.; Grabe-Guimarães, A.*

Depto de Farmácia, Escola de Farmácia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

Autor Correspondente: *Andrea Grabe-Guimarães

Escola de Farmácia, UFOP - Campus Morro do Cruzeiro, s/n, Bauxita, Ouro Preto, MG, CEP 35400-000 | E-mail: grabe@ufop.edu.br |
Telefone: +55 31 35591039

Recebido em 29/03/2019; Aceito em 05/04/2019

Resumo

Com o objetivo de avaliar o conhecimento e os hábitos por parte dos discentes dos cursos da área de saúde da UFOP quanto aos métodos de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e da gravidez indesejada, foi realizada pesquisa de campo quantitativa. Foram entrevistados 237 estudantes acima dos 18 anos, utilizando formulário padronizado aplicado de novembro e dezembro de 2014, março e abril de 2015. Do total de participantes, 153 eram do sexo feminino (64,6%), 220 solteiros (92,8%), 122 residentes em repúblicas estudantis (51,5%); 85% das mulheres (n=128) e 95% dos homens (n=61) já haviam iniciado a vida sexual, 42,5% (n=101) não utilizou preservativo em todas as relações e 23,6% (n=56) dos participantes tiveram relações sexuais sob efeito de álcool e/ou drogas. Sobre o conhecimento dos métodos contraceptivos os mais conhecidos são os de barreira (32,7%) e os hormonais (27,4%) e também são os mais utilizados 44,8% e 31,1%, respectivamente. Quanto a prevenção de ISTs, de 557 respostas (era possível marcar mais de uma opção), 76,1% (n=424) foram positivas em relação ao conhecimento dos métodos comprovadamente eficazes. Sobre as ISTs, as mais conhecidas são HIV/AIDS (91,6%), gonorréia (85,7%), hepatite B (84,4%) e sífilis (84,0%). Sobre as fontes de obtenção das informações os participantes citaram o ensino médio (15,9%) e revistas, livros e televisão (17,8%) como as responsáveis em fornecer as primeiras informações. Assim, foi constatado que os jovens possuem conhecimento deficiente em relação aos métodos contraceptivos e em relação a prevenção ISTs.

Palavras-chaves: métodos contraceptivos, infecção sexualmente transmissível, AIDS, gravidez, preservativo, educação sexual.

Abstract

A quantitative field research was developed using questionnaires answered by 262 college students of UFOP over 18 years old to describe their habits and acknowledgement about the preventive methods for sexually transmitted infections (STIs) and prevention of undesirable pregnancy. From 237 students, 153 were female gender (64.6%), 220 were single (92.8%), 122 were living in fraternities (51.5%), 85% of women (n=128) and 95% of men (n=61) had started their sexual life, 42.5% (n=101) had not used condom in all intercourse that they had and 23.6% (n=56) had sex with alcohol and / or drugs consumption. About the knowledge of contraceptive methods, the most known ones were the barrier methods (32.7%) and hormonal contraception (27.4%) and they were also the most used (44.8% and 31.1%, respectively). About STIs prevention, 76.1% (n=424) of 557 responses were for efficient methods. The most known STIs were HIV/AIDS (91.6%), gonorrhoea (85.7%), hepatitis B (84.4%) and syphilis (84.0%). The present work shows young college students had insufficient knowledge about contraceptive methods and STIs prevention methods and importance.



Keywords: Keywords: contraceptive methods, sexually transmitted disease, AIDS, pregnancy, condom, sex education.

INTRODUÇÃO

Após a chamada Revolução Sexual ocorrida na década de 1960 com o advento da pílula anticoncepcional, as relações sexuais tornaram-se mais liberais. As práticas sexuais cercadas de tabus ficaram menos comprometedoras e desvinculadas da procriação e com a isenção de responsabilidades futuras a busca do prazer passou a ser o principal objetivo (PEDRO, 2003).

Segundo Falcão Júnior e cols (2007), os jovens são os mais afetados por essa concepção liberal e assim iniciam a prática sexual de maneira desordenada, não se prevenindo ou não possuindo informações suficientes para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) ou de gravidez indesejada. A atividade sexual se inicia frequentemente na adolescência, o que torna essa fase susceptível a riscos por conta da imaturidade relacionada à idade. A média da idade da primeira relação sexual está entre 16 e 20 anos para ambos os sexos com uma média menor para os homens (DESSUNTI; REIS, 2012; FALCÃO JÚNIOR et al., 2009; SOUZA et al., 2007). A atividade sexual tem se iniciado cada vez mais precocemente e é mantida de forma frequente entre adolescentes (FALCÃO JÚNIOR et al., 2007).

Estudantes universitários jovens passam por período de mudanças constantes principalmente relacionadas à independência e ausência de controle dos pais. Com a mudança para Universidade, muitos deixam o lar familiar e precisam buscar novas formas de controle de si mesmos e de identidade, além de vivenciarem novas formas de interação social e sexuais associadas à constante presença de disponibilidade de álcool e drogas ilícitas. Esses adultos jovens estão expostos ao risco de adquirir o vírus HIV e ISTs, pois muitas vezes se envolvem com múltiplos parceiros e muitos não

adotam o uso do preservativo em todas as relações sexuais (FALCÃO JÚNIOR et al., 2009).

Aproximadamente 25% de todas as ISTs são diagnosticadas em jovens com menos de 25 anos e este número só não é maior porque a maioria (70%) dos jovens busca tratamento em farmácias, onde estes casos não são notificados (TAQUETTE et al., 2004). Esse aumento de doenças em adolescentes está ocorrendo no mesmo período em que surge o aumento do número de gravidez na adolescência. Estima-se que no Brasil, a cada ano, um milhão de adolescentes entre 10 e 20 anos dão à luz, o que corresponde a 20% dos nascidos-vivos (SOUZA et al., 2007).

A não utilização dos métodos contraceptivos nem sempre está relacionado à falta de informação. Existe também a negação da possibilidade de gravidez, a confiança no parceiro permanente, a suposta capacidade de reconhecer uma pessoa infectada, a associação a grupos de risco, entre outros motivos (RABELO et al., 2006).

Pesquisas sobre a temática na juventude permitem conhecer a opção contraceptiva dos estudantes universitários e fornece subsídios para o planejamento de atividades de educação em saúde, uma vez que campanhas de prevenção realizadas pela Organização das Nações Unidas definem essa faixa etária como prioridade (PAIVA et al., 2002). Estudo descritivo observou que o conhecimento está abaixo do esperado entre jovens universitários e universidade pública no Rio de Janeiro, Brasil, e que este conhecimento é melhor entre aqueles do sexo feminino (FONTE et al., 2018). A Universidade deve apresentar papel fundamental nas estratégias de prevenção das ISTs e da gravidez precoce por meio das suas funções de ensino, pesquisa, assistência e extensão.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2002), devem-se considerar os seguintes aspectos para a escolha dos



métodos contraceptivos: eficácia, pela avaliação das possibilidades de falha; aceitabilidade, pela avaliação da participação ativa do/a usuário/a na escolha do método para garantir a continuidade do uso; disponibilidade, pela avaliação da orientação sobre como e onde obtê-lo; facilidade de uso/manuseio; reversibilidade, pela avaliação da capacidade de recuperar a fertilidade após a interrupção do método; e inocuidade, pela avaliação do cuidado para que o método não prejudique a saúde do/a usuário/a. Considerando que 58,5 % dos estudantes entre 18 e 24 anos no Brasil, desconsiderando os jovens que não estudam, estavam matriculados em uma das Instituições de Ensino Superior (IES) no país (BRASIL, 2015), é necessário a obtenção de dados que possam ser utilizados como instrumento viável para subsidiar estratégias de promoção de educação, mais próximas à realidade de jovens dessa faixa etária (FONTE et al., 2018).

O presente estudo avaliou o conhecimento dos hábitos dos estudantes dos cursos da área da saúde da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), quanto aos métodos de prevenção da gravidez indesejada e de prevenção de ISTs, por considerar que estão mais envolvidos no processo de promoção da saúde, na prevenção e tratamento de doenças ou mudanças de hábitos perniciosos e a adoção de comportamentos saudáveis.

METODOLOGIA

Foi realizado um estudo descritivo e transversal com abordagem quantitativa. Foram convidados a participar todos os estudantes maiores de 18 anos e de ambos os sexos, regularmente matriculados no 2º período (início do curso) e no 8º período (final do curso) dos cursos da área da saúde da UFOP, a saber: Ciências Biológicas, Educação Física, Farmácia, Medicina, Nutrição, Serviço Social. A coleta de dados foi realizada durante os meses de novembro de 2014 a abril de 2015. Foi utilizado questionário

autoaplicável e semiestruturado com questões objetivas e subjetivas abordando dados sócio-demográficos, conhecimento, uso e prevenção dos métodos contraceptivos, e conhecimento das ISTs e seus sintomas.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da UFOP sob o número CAAE 37190514.5.0000.5150. A direção ou coordenação de cada curso foi informada sobre o projeto e dada anuência para realização do estudo.

Ao primeiro contato com os participantes os objetivos da pesquisa foram apresentados e foram convidados a colaborar pela explanação da importância do estudo. Em seguida, foram distribuídos o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) juntamente com o questionário individual. A aplicação do questionário ocorreu em horário de aulas, com aval dos professores responsáveis. Os questionários preenchidos de próprio punho por cada um dos participantes foram então colocados em uma urna fechada junto com o TCLE assinado.

Os dados foram organizados em planilha de banco de dados utilizando o Microsoft Office Excel 2010. A análise estatística foi realizada utilizando o SPSS para a descrição da distribuição das frequências das variáveis. Os dados apresentados com (n) maior que o número de entrevistados ocorreram para as respostas das questões com mais de uma opção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Características sócio-demográficas dos participantes

Foram convidados a participar do estudo 262 estudantes dos cursos de graduação da área da saúde da UFOP. Responderam o questionário 237 estudantes, sendo 153 (64,6%) do 2º período de ingresso na universidade e 84 (35,4%) do 8º período. Do total de participantes o percentual por curso foi: 22,4% de farmácia, 21,5% de medicina, 15,6% de

serviço social, 13,3% de educação física, 13,3% de nutrição e 12,7% de ciências biológicas.

A Tabela 1 mostra os dados das características sociodemográficas dos participantes. A amostra foi composta em sua maioria por jovens de 20 a 23 anos de idade, do sexo feminino, solteiros, declarados brancos, residentes em repúblicas estudantis e consideravam sua própria saúde excelente ou muito boa. Dois participantes não responderam nenhuma das perguntas para estas características.

O predomínio do sexo feminino foi relatado anteriormente (BARBOSA et al., 2006; FALCÃO JÚNIOR et al., 2009) assim como sobre a faixa etária e o estado civil de estudantes universitários semelhantes ao presente estudo (FALCÃO JÚNIOR et al., 2009; SOUZA et al., 2007). Esses dados apontam para a observação que a população universitária de localidades diferentes possuem características semelhantes e que as mulheres tendem continuar os estudos mais que os homens e ainda existe a predominância de público jovem e solteiro. Houve predomínio na amostra de estudantes do 2º período, mas para fins de comparação a outros estudos, esta divisão não foi considerada. No entanto, o maior número de estudantes no período da fase inicial dos cursos corroboram com os maiores índices de evasão observados na última década na UFOP.

Sexualidade dos entrevistados e uso da “camisinha”

Sobre o início da vida sexual (Figura 1), foi observado que a maioria dos participantes, 85,0% das mulheres (n=128) e 95,0% dos homens (n=61), havia iniciado a vida sexual até o momento do estudo, sendo que tanto entre as mulheres quanto entre os homens, ocorreu antes do ingresso na universidade. A maioria, tanto homens quanto mulheres, tiveram a primeira relação entre os 13 e 18 anos. Outros trabalhos encontraram dados semelhantes (Dessunti, Reis, 2012; FALCÃO JÚNIOR et al., 2009; SOUZA et al., 2007), e ressaltaram

que as primeiras relações acontecem entre os 16 e 18 anos com variações entre os 12 e 25 anos, em média. Todos os autores relatam frequência maior

Tabela 1: Características sociodemográficas auto referidas dos estudantes dos cursos da área da saúde da UFOP em 2015.

Faixa etária (anos)	(n) absoluto	Percentual (%)
De 17 a 19	49	20,7
De 20 a 23	96	40,7
De 24 a 27	54	22,8
De 28 a 32	23	9,7
Acima de 32	13	5,5
Sexo	(n) absoluto	Percentual (%)
Masculino	64	27,0
Feminino	153	64,6
Sem identificação	20	8,4
Estado Civil	(n) absoluto	Percentual (%)
Solteiro	220	92,8
Casado	12	5,1
Separado/divorciado/viúvo	4	1,6
Cor	(n) absoluto	Percentual (%)
Branca	128	54,0
Parda	78	32,9
Preta	20	8,4
Amarela	5	2,1
Indígena/Outros	4	1,6
Moradia	(n) absoluto	Percentual (%)
Família	68	28,7
República	122	51,5
Sozinho	30	12,7
Pensionato	3	1,3
Sem identificação	14	5,9
Auto percepção de saúde	(n) absoluto	Percentual (%)
Excelente/Muito boa	153	64,6
Boa	78	32,9
Ruim	4	1,7

Figura 1: Distribuição por idade em que os participantes (n= 237) tiveram sua primeira relação sexual.

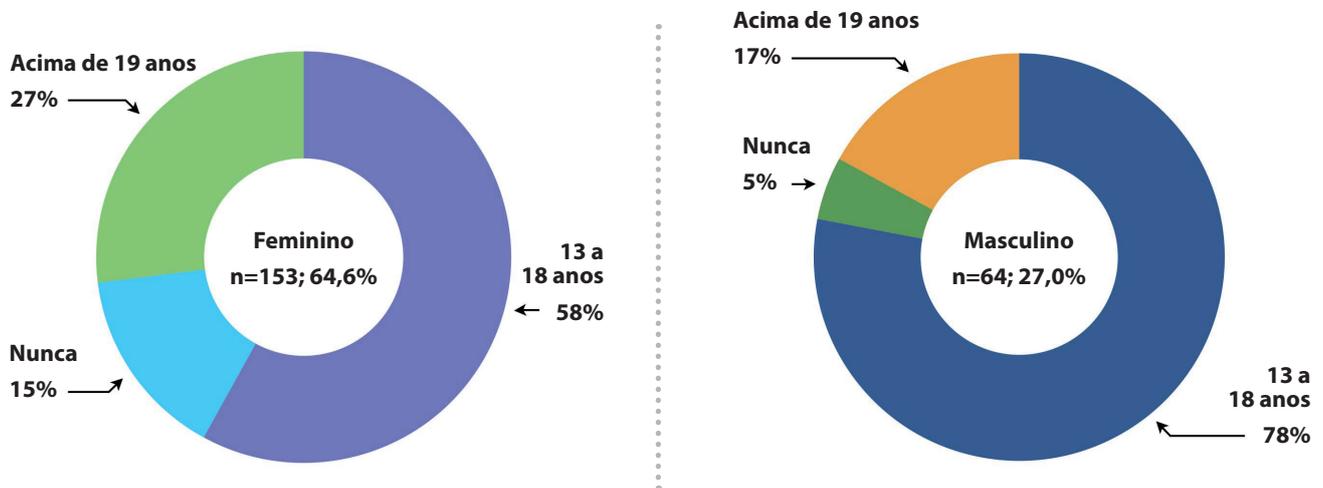


Tabela 2: Frequência (%) de relações sexuais nos 30 dias precedentes ao estudo (n=237)

Condição	Nenhuma vez	1 a 3 vezes	4 ou mais	SIM	NÃO
relações sexuais	24,9% (n=59)	32,5% (n=77)	30,8% (n=73)	—	—
USO DE PRESERVATIVO	—	—	—	46,0%	42,5%

dos homens com vida sexual iniciada com média de idade menor. Se considerarmos o que foi relatado no presente estudo a maioria dos homens já haviam iniciado a vida sexual e com idade mais jovens (78,0% entre os 13 e 18 anos), e assim estão expostos ao risco de contrair ISTs ou em ter uma gravidez indesejada.

Sobre a frequência de relações sexuais nos 30 dias anteriores à pesquisa (Tabela 2), dos 237 estudantes, 24,9% (n=59) relatou não ter tido relações. Dos que relataram ter vida sexual ativa dentro deste período (63,3%), a maioria indicou frequência de 1 a 3 relações. O número restante de participantes não informou sobre este comportamento. Os dados de relações sexuais com ou sem preservativo masculino, indicam o equilíbrio entre os dois comportamentos, o que é preocupante, pois a recomendação da OMS é que em todas as relações sexuais os preservativos sejam utilizados, de preferência a estratégia de dupla proteção (SRP/OMS, 2007).

Esses dados são diferentes dos obtidos em outros trabalhos relataram o uso do preservativo acima de 60,0% (CARDOSO et al., 2008; DESSUNTI, REIS, 2012; SOUZA et al., 2007) ou o não uso em todas as relações acima de 50,0% (CHINAZZO et al., 2014). Este comportamento pode ser caracterizado como arriscado tanto para se contrair uma ISTs quanto para transmiti-la. O não uso do preservativo masculino pelos participantes pode ser relacionado a uma série de fatores: “não gostar de usar”, confiar plenamente no parceiro, imprevisibilidade das reações sexuais ou por objeção pessoal ou do parceiro (BRETAS et al, 2009).

Conhecimento e utilização dos métodos contraceptivos para prevenção de gravidez e ISTs

Quanto à questão acerca do conhecimento dos métodos contraceptivos com o objetivo de prevenção da gravidez e ISTs (Tabela 3), os métodos barreira, considerados os preservativos masculinos e femininos, diafragma, DIU e gel espermicida,

foram os mais apontados pelos participantes do estudo (32,7%) como conhecidos. Os métodos hormonais, considerados as pílulas anticoncepcionais -monofásico, trifásico, minipílula, anticoncepcionais injetáveis, implante subcutâneo e adesivo cutâneo, os métodos comportamentais, considerados a abstinência sexual, métodos da tabelinha, muco cervical, temperatura basal, sintotérmico e o coito interrompido, e os métodos irreversíveis (laqueadura e vasectomia) foram todos apontados como menos conhecidos pelos estudantes participantes. Vale ressaltar que o método menos citado foi o de hormonal de emergência (pílula do dia seguinte). O fator limitante da questão colocada é que a resposta declarada poderia se referir desde o conhecimento apenas da existência do método até o conhecimento dos princípios do método, suas vantagens e desvantagens. Quanto à utilização nas relações sexuais pelos participantes (Tabela 3), os métodos mais citados foram os de barreira, sendo o principal deles o preservativo masculino. Em segundo lugar, os métodos hormonais, com o maior número para os anticoncepcionais monofásicos. Os participantes citaram a utilização de mais de um método contraceptivo, principalmente a combinação do preservativo masculino e da pílula anticoncepcional, o que está de acordo com a recomendação da estratégia de dupla proteção (SRP/OMS, 2007).

O uso da contracepção de emergência é motivado pelo receio de uma gestação quando a relação foi desprovida de métodos contraceptivos ou pela falha do preservativo (ruptura). No presente estudo, a utilização do método de emergência foi apontada por 5,9% dos entrevistados. O estudo de Bataglião & Mamede (2011) mostrou que muitos universitários não fazem o uso de nenhum método contraceptivo rotineiramente, o que é comportamento de risco e preocupante em virtude da não prevenção das IST's, além do fato da pílula do dia seguinte ter sua eficácia

diminuída com o uso recorrente. Para evitar a possível adoção como método de rotina da contracepção de emergência por jovens, é torna necessário a orientação sobre a sua redução da eficácia no uso repetido e constante (BRASIL, 2005).

Quanto ao conhecimento dos métodos que previnem IST's (Tabela 3), os de barreira foram os mais citados pelos participantes da pesquisa. O resultado do conhecimento sobre a prevenção de ISTs no mostrou que os métodos de barreira não foram considerados por todos como meios para a prevenção de doenças, pois foram citados os preservativos masculinos (n=179) e femininos (n=135), e a abstinência sexual (n=110). Assim, entre as 557 respostas obtidas no geral somente 424 (abstinência e preservativos) são válidas para o conhecimento dos métodos que previnem ISTs. Esses resultados sugerem que existe uma lacuna de informação acerca das formas de prevenção das IST's e dos métodos anticoncepcionais.

Conhecimento das ISTs

O estudo abordou também questões relativas às ISTs com os objetivos de avaliar o sua frequência do seu conhecimento e suas fontes de informação e novamente a prevenção.

Tabela 3: Frequência (%) de conhecimento dos métodos contraceptivos, uso e conhecimento de métodos que previnem ISTs pelos estudantes de cursos da saúde da UFOP, 2015.

Métodos contraceptivos Conhecimento	(n)	(%)
Métodos de barreira	985	32,7
Métodos comportamentais	647	21,5
Métodos de emergência	203	6,7
Métodos hormonais	825	27,4
Métodos irreversíveis	350	11,6
Total	3010	100,0

Usa	(n)	(%)
Métodos de barreira	130	44,8
Métodos comportamentais	47	16,2
Métodos de emergência	17	5,9
Métodos hormonais	90	31,0
Métodos irreversíveis	6	2,1
Total	290	100,0
Previne ISTs	(n)	(%)
Métodos de barreira	361	64,8
Métodos comportamentais	123	22,1
Métodos de emergência	11	2,0
Métodos hormonais	47	8,4
Métodos irreversíveis	15	2,7
Total	557	100,0

Para abordar o conhecimento geral foi apresentado um quadro com as ISTs mais prevalentes: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida/Vírus da Imunodeficiência Humana (AIDS/HIV), clamídia, gonorréia, hepatite B, papiloma vírus humano-HPV, herpes genital-HSV, sífilis, tricomoníase. Foram consideradas três questões: você conhece? Conhece os sintomas? Já teve esta infecção?

A Tabela 4 mostra que houve alta taxa de respostas afirmativas para o conhecimento de AIDS/HIV, gonorréia, hepatite B e sífilis. A menor frequência ocorreu para o conhecimento de tricomoníase e clamídia. Os resultados positivos para o conhecimento dos sintomas das ISTs foi maior para a AIDS/HIV e o menor para a tricomoníase. Quando se comparou o conhecimento das ISTs e de seus sintomas, foi observado que é menor a frequência do conhecimento dos sintomas, exceto para clamídia.

Os resultados para a pergunta sobre já ter tido a infecção foram imprecisos, pois a maioria dos entrevistados não responderam a questão para

nenhuma das doenças listadas, e apenas oito participantes indicaram positivo para HPV (3), HSV (2), tricomoníase (2) e clamídia (1).

Considerando os resultados de conhecimento das ISTs por curso foram observadas algumas diferenças. Os estudantes do 8º período do curso de Ciências Biológicas indicaram conhecimento positivo de 100,0% para AIDS/HIV, gonorréia, hepatite B, HPV e HSV. Os estudantes de Educação Física indicaram conhecimento abaixo do dado geral, exceto sobre o conhecimento por estudantes do 2º período sobre a gonorréia (88,0%). Para o curso de Farmácia o conhecimento das ISTs foi alto para todas as doenças listadas em relação ao dado geral, com exceção para a clamídia (33,3%) para os estudantes do 2º período. O 8º período demonstrou maior conhecimento em relação a todas as doenças sendo 100,0% para AIDS/HIV, gonorreia, HPV, sífilis e tricomoníase. Para o curso de Medicina o conhecimento das ISTs também foi alto para todas as doenças listadas e os estudantes do 2º período indicaram conhecimento maior em relação ao 8º período para AIDS/HIV, hepatite B, HPV e sífilis. Os estudantes do 8º período de Nutrição indicaram alto conhecimento da AIDS/HIV (100,0%) e hepatite B (92,3%), e no 2º período, maior conhecimento para gonorréia (90,0%) e sífilis (85,0%), sendo acima da média geral de todos os cursos. Para o curso de Serviço Social o 2º período apresenta um maior conhecimento para AIDS/HIV (92,3%), gonorreia (88,5%), sífilis (88,5%) e hepatite B (84,6%), e para o 8º período, conhecimento maior somente para HSV, clamídia e tricomoníase em relação ao conhecimento geral de todos os cursos.

Romero e cols (2007) também observaram o maior conhecimento da AIDS/HIV e ressalta o trabalho das campanhas de saúde como um fator determinante. Esses autores consideram ainda que o desconhecimento de muitas outras doenças existe e o fato de um sujeito relatar conhecer a IST não quer dizer que conheça de fato, pois pode apenas

ter ouvido falar da mesma. Tal fato pode ter acontecido no presente trabalho, pois foi observado queda na frequência de respostas positivas para os sintomas das ISTs comparado ao conhecimento geral das mesmas.

Tabela 4: Frequência (%) de conhecimento das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) entre os estudantes dos cursos da área da saúde da UFOP, 2015.

ISTs	Conhecimento geral		Conhecimento dos Sintomas	
	n	%	n	%
AIDS/HIV	217	91,6	169	71,3
Clamídia	98	41,4	140	59,1
Gonorreia	203	85,7	135	57,0
Hepatite B	200	84,4	126	53,2
Papiloma vírus humano	194	81,9	121	51,1
Herpes genital	178	75,1	114	48,1
Sífilis	199	84,0	118	49,8
Tricomoníase	112	47,3	72	30,4

Além do conhecimento das ISTs e dos sintomas foi perguntado sobre a realização do teste de AIDS/HIV e de quem eles receberam informações sobre prevenção de ISTs e gravidez. Para o teste de HIV, a grande maioria (66,7%) respondeu não terem realizado o teste em nenhum momento, apenas 25,7% responderam que realizaram o teste de HIV em algum momento e o restante não respondeu ou declarou não saber (7,6%).

O estudo revelou que os jovens não tinham preocupações a respeito da AIDS/HIV, pois apenas 25,7% já tinham feito o teste HIV e a utilização do preservativo em todas as relações foi por apenas 22,8% das respostas. Este fato é abordado por outros autores que citam a maior preocupação dos jovens em evitar uma gravidez indesejada do que prevenir ISTs (SOUZA et al, 2007), o que é confirmado pela segunda maior utilização dos métodos hormonais no presente estudo. Dentre os fatores para causa desse comportamento existem: a crença de serem invulneráveis, ao poder de persuasão do parceiro para não utilização do preservativo, parceiros estáveis, não se considerar dentro do grupo de risco, formação pessoal, conhecimento do parceiro, tempo de relação, entre outros (BRETAS et al., 2009; CHINAZZO

et al., 2014; DESSUNTI, REIS, 2012; ROMERO et al., 2007; SOUZA et al., 2007).

A Tabela 5 mostra a origem das informações que os estudantes declararam receber acerca da prevenção da gravidez e ISTs. Foi detectado a influência das escolas na construção destas informações e o ensino médio apresentou maior frequência em relação ao ensino fundamental e da universidade. As informações presentes em meios de comunicação, jornais, livros, televisão também foram bastante lembradas. Pais e outros familiares representaram baixo percentual, o que é preocupante se considerarmos esses como os primeiros grupos sociais que o jovem tem acesso e os responsáveis pela formação da identidade dos mesmos. Essas respostas demonstram que a família não é a fonte de informação para os jovens, que vão encontrar essa informação em outros meios, como a escola assumindo esse papel (BRETAS et al., 2009; SEABRA et al., 2012). Pesquisas relatam a responsabilidade da família passada para escola pela incapacidade de lidar com o tema e repassar experiências aos filhos (FALCÃO JÚNIOR et al., 2009). Podemos extrair também desses dados que a utilização de fontes jornalísticas idôneas pode ser uma maneira



efetiva para ampliar este conhecimento e assim contribuir para a melhoria dos aspectos abordados neste trabalho. Por outro lado, a baixa influência do ambiente universitário para a construção deste conhecimento sugere fortemente que há a necessidade eminente de ser mais presente e incisivo para a realização de meios de conscientizar os jovens quanto a importância das informações relativas aos métodos de prevenção tanto de gravidez quanto de ISTs.

Tabela 5: Frequência (%) da origem das informações a respeito da prevenção da gravidez e ISTs declaradas pelos estudantes da área da saúde da UFOP (n=237), 2015.

Categoria	N	%
Pais	128	17,8
Outros familiares	34	4,7
Amigos	104	14,5
Escola 1º grau	90	12,5
Escola 2º grau	132	18,4
UFOP	46	6,4
Jornais, revistas, livros, televisão	157	21,9
Outros	13	1,8
Não respondeu	14	1,9
Total	718*	100

* o número é maior que o número de estudantes da amostra do estudo devido a possibilidade de mais de uma resposta por sujeito.

Consideramos que os estudantes universitários estão submetidos a riscos evitáveis e para isso, existe a necessidade de intensificar as estratégias de promoção da saúde sexual de mulheres e de homens. É necessário incorporar formas de sensibilizar emocionalmente os jovens para o autocuidado e de formas mais assertivas de enfrentar a vida sexual e o relacionamento com o outro, para manter postura mais firme para garantir o uso de preservativo

nas relações sexuais (RODRÍGUEZ, VARELA, 2014). Assim, as intervenções educativas devem incidir primordialmente em campanhas de incentivo à utilização dos preservativos, seja masculino e feminino. Recomendamos demonstrar aos jovens que o preservativo proporciona segurança e que esta está diretamente relacionado a evitar doenças que podem causar a morte ou uma gravidez indesejada. E ainda como orientação para o início da vida sexual adotar a redução do número de parceiros e abandono de práticas sexuais de risco. Para Souza e cols (2007), o processo educacional e informativo são os meios mais importantes pelos quais se pode combater a desinformação e tentar reverter ou minimizar estes contextos. O conhecimento, a informação e a motivação podem mudar atitudes e comportamentos, os jovens podem perceber uma forma de viver a sexualidade de maneira saudável e feliz, principalmente através da utilização dos métodos contraceptivos (FONTE et al., 2018). Os índices encontrados neste estudo corroboram outros realizados no Brasil e inclusive em ambientes universitários (FONTE et al., 2018), o que nos leva a hipótese que seja o perfil mais comum entre jovens de todo o Brasil. Assim, o conhecimento detalhado desses métodos permite aos jovens uma escolha consciente e de acordo com as necessidades de cada um, respeitando as suas individualidades.

CONCLUSÃO

O conhecimento e adoção de métodos contraceptivos e de prevenção de ISTs por estudantes dos cursos da área de saúde da UFOP são semelhantes a outros estudos entre jovens já realizados. No entanto, o conhecimento e principalmente a adoção apenas parcial do uso de preservativos nas relações sexuais é preocupante e remete a todas IES a responsabilidade para melhoria desses índices encontrados em Ouro Preto.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, R.G.; GARCIA, F.C.; MANZATO, A.J.; MARTINS, R.A.; VIEIRA, F.T. Conhecimento sobre DST/AIDS, hepatites e conduta sexual de universitários de São José do Rio Preto, SP. *DST–J. bras. Doenças Sex. Transm.* 18(4):224-230, 2006.
- BATAGLIÃO, E.M.L.; MAMEDE, F.V. Conhecimento e utilização da Contracepção de Emergência por acadêmicos de enfermagem. *Esc. Anna Nery* 15(2):284-290, 2011.
- BRASIL, Ministério da Educação. Número de estudantes universitários cresce. 2015. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/noticias/educacao-e-ciencia/2015/12/numero-de-estudantes-universitarios-cresce-25-em-10-anos?> Acesso em 25 de maio de 2019.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. Assistência em Planejamento Familiar: Manual Técnico. Brasília: Ministério da Saúde, 4 ed., 2002. 150 p. Disponível em: <http://bvsm.saude.gov.br/bvs/publicacoes/0102assistencia1.pdf>. acesso em: 01 jun. 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. Anticoncepção de Emergência: perguntas e respostas para profissionais de saúde/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- BRETAS, J.R.S.; OHARA, C.V.S.; JARDIM, D.P.; MUROYA, R.L. Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. *Rev. Esc. Enferm. USP* 43(3):551-557, 2009.
- CARDOSO, L.R.D.; MALBERGIER, A.; FIGUEIREDO, T.F.B. O consumo de álcool como fator de risco para a transmissão das DST's/HIV/Aids. *Rev. Psiquiatr. Clín.* 35(supl. 1):70-75, 2008.
- CHINAZZO, Í.R.; CAMARA, S.G.; FRANTZ, D.G. Comportamento sexual de risco em jovens: aspectos cognitivos e emocionais. *Psico USF* 19(1):1-12, 2014.
- Departamento de Saúde Reprodutiva e Pesquisa (SRP) da Organização Mundial da Saúde (OMS) e Escola Bloomberg de Saúde Pública/Centro de Programas de Comunicação (CPC) da Universidade Johns Hopkins, Projeto INFO. Planejamento Familiar: Um Manual Global para Prestadores de Serviços de Saúde. Baltimore e Genebra: CPC e OMS, p.280, 2007.
- DESSUNTI, E.M.; REIS, A.A. Vulnerabilidade às DST/AIDS entre estudantes da saúde: estudo comparativo entre primeira e última série. *Ciê. Cuid. Saúde* 11(5):274-283, 2012.
- FALCÃO JÚNIOR, J.S.P.; FREITAS, L.V.; LOPES, E.M.; RABELO, S.T.O.; PINHEIRO, A.K.B.; XIMENES, L.B. Conhecimentos de universitários da área da saúde sobre contracepção e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. *Enferm. Glob.* 8(1):1-12, 2009.
- FALCÃO JÚNIOR, J.S.P.; LOPES, E.M.; FREITAS, L.V.; RABELO, S.T.O.; PINHEIRO, A.K.B.; XIMENES, L.B. Perfil e práticas sexuais de universitários da área de saúde. *Esc. Anna Nery* 11(1): 58-65, 2007.
- FONTE, V.R.F.; SPINDOLA, T.; FRANCISCO, M.T.R.; SODRÉ, C.P.; ANDRÉ, N.L.N.O.; PINHEIRO, C.D.P. Jovens Universitários e o conhecimento acerca da infecções sexualmente transmissíveis. *Esc. Anna Nery* 22(2): e20170318, 2018.
- PAIVA, V.; PERES, C.; BLESSA, C. Jovens e adolescentes em tempos de Aids reflexões sobre uma década de trabalho de prevenção. *Psicol. USP* 13(1):55-78, 2002.
- PEDRO, J.M. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. *Rev. Bras. Hist.* 23(45): 239-260, 2003.
- RABELO, S.T.; FALCÃO JÚNIOR, J.S. P.; FREITAS, L.V.; LOPES, E.M., PINHEIRO, A.K.B.; AQUINO, P.D. S.; XIMENES, L.B. Gravidez e DST: Práticas preventivas entre universitários. *J. Bras. DST* 18(2):148-55, 2006.
- RODRÍGUEZ, D.E.C.; VARELA, Y.P. Percepciones que afectan negativamente el uso del condón en Universitarios de la Costa Caribe Colombiana. *Hacia Promoc. Salud [Internet]* 19(1):54- 67, 2014.
- ROMERO, K.T.; MEDEIROS, É.H.G.R.; VITALLE, M.S.S.; WEHBA, J. O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. *Rev. Assoc. Med. Bras.* 53(1):14-19, 2007.
- SEABRA, L.O.; MOREIRA, F.H.B.; ROCHA, J.S.; NERY, I.S.; GONÇALVES, L.R.R. Conhecimento sobre métodos contraceptivos por universitários da área de saúde. In: 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero. 2012. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewPaper/328>>. acesso em: 10 abr. 2015.
- SOUZA, F.G.; DE BONA, J.C.; GALATO, D. Comportamento de jovens de uma Universidade do sul do Brasil frente à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. *J. Bras. Doenças Sex. Transm.* 19: 22-9, 2007.



TAQUETTE, S.R.; VILHENA, M.M.; PAULA, M.C. Doenças sexualmente transmissíveis e gênero: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. Cad. Saúde Pública 20(1):282-290, 2004.

AGRADECIMENTOS: à Dra. Maria Ruth Gaede Carrillo e Dr. Nuncio Sol pelas contribuições para a melhor análise dos dados, aos docentes que permitiram a aplicação dos questionários aos estudantes em sala de aula, à UFOP.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE:

“nada a declarar”